

Vesela Chergova, Donka Mangatcheva

Universidade de Sófia «Sv. Kliment Ohridski»

As interrogativas epistémicas sobre acontecimentos na anterioridade

Palavras-chave: interrogativas modais, modalidade epistémica, conjecturar, valor discursivo

1 Introdução

A análise que nos propomos abordar focaliza dois tipos de estruturas oracionais que designamos de interrogativas modais:

- 1) *Será que aconteceu* alguma coisa?
 - 1a) *Terá acontecido* alguma coisa?
- 2) *Será que se cansaram* de se agarrar em jardim de hospital?
 - 2a) *Ter-se-ão cansado* de se agarrar em jardim de hospital?
- 3) Onde *será que ele se meteu*?
 - 3a) Onde *se terá metido*?
- 4) O Inácio sumiu dos cursinhos, não é? O que *será que aconteceu*?
 - 4a) O Inácio sumiu dos cursinhos, não é? O que *terá acontecido*?

As frases citadas constroem-se com gramemas de Indicativo, mas não indicam propriamente conceitos de *realidade* (nem de *irrealidade*) ou de factividade do enunciado. O seu conteúdo refere uma lacuna no conhecimento do locutor relacionada com acontecimentos na área da *anterioridade* ao momento da enunciação. No entanto, a estrutura das interrogativas totais em 1) e 2) – cujo molde oracional apresentamos com a fórmula [Será que + V_(P.P.S.)] – parece contrastar com a estrutura das frases em 1a) e 2a) – cujo molde oracional apresentamos com a fórmula [Ter_(Futuro Simples do Ind.)+ V_(Part.Pass.)]. Processos idênticos aparecem na estrutura das interrogativas parciais que observamos

em 3) e 4) e designamos com a fórmula [Interrogativo + será que + V_(P.P.S.)] que, por sua vez, contrastam com o molde oracional em 3a) e 4a) do tipo [Interrogativo + Ter_(F.S. do Ind.) + V_(Part.Pass.)].

Como deve ser óbvio, tanto nas interrogativas totais, como nas parciais, pode dar-se a mesma alteração no *significado estrutural*¹ que, mesmo assim, parece não influenciar o *significado ôntico* dos moldes oracionais de [Será que + V_(P.P.S.)] em contraste e comparação com [Ter_(F.S. do Ind.) + V_(Part.Pass.)]. Para identificar a natureza desse contraste, será preciso esclarecer os mecanismos semânticos, morfossintáticos e discursivos, capazes de gerar determinado conteúdo epistémico na anterioridade e o conseqüente efeito pragmático. Para os propósitos da presente comunicação focalizaremos com preferência apenas as interrogativas totais de valor modal epistémico, como as apresentadas em 1), 1a), 2) e 2a).

2 Premissas metodológicas

A análise semântica dos valores modo-temporais segue os postulados teóricos da linguística funcional europeia. Por um lado, no plano do conteúdo do sistema verbal português actuam as categorias modais, temporais e aspectuais (Veiga, 2008: 27)² numa estruturação hierárquica incidente na oposição entre elementos intensivos e extensivos das categorias gramaticais (Greenberg, 1971: 295-310). Julgando pelo funcionamento das formas verbais e pela distribuição da carga semântica no plano da expressão entre as formas analíticas e as sintéticas, parece-nos que o sistema verbal português descansa numa relação modal básica, que sustenta a edificação das categorias temporais, que, por sua vez, traçam interferências semânticas, produzindo conteúdos modais complementares:

Os valores aspectuais têm uma estrutura ainda mais amorfa que não se concentra num núcleo morfológico, mas abrange uma data de recursos linguísticos de diferentes níveis de estruturação da língua, cujo instrumento mais especializado serão as estruturas analíticas reconhecidas como *Aspecto Verbal Perifrástico* (Barroso, 1994: 85-87). Mesmo assim, carga aspectual contém

-
- 1 Eugenio Coseriu (1987: 178), além da distinção entre os significados a nível morfológico: significado lexical, categorial e instrumental, define outros dois tipos de significado que atingem mais bem o nível sintático: significado estrutural e significado ôntico.
 - 2 Alexandre Veiga, entre outros autores citados, analisa estruturas e funções do sistema verbal espanhol, por isso apoiamo-nos nas suas interpretações teóricas e procedimento metodológico.

as formas temporais analíticas que se definem como *Perspectiva Secundária Retrospectiva* (Coseriu, 1976: 95-96). A presença do participío passado na sua estrutura determina a semântica resultativa de toda a construção.

Outras funções discursivas	Funções apelativas, volitivas, admirativas, etc.	
<i>Oposição modal complementar</i>	<i>Valores epistémicos de probabilidade e de possibilidade</i>	<i>Valores epistémicos de possibilidade</i>
	<i>Subsistema temporal da não subjectividade (-)</i>	<i>Subsistema temporal da subjectividade (+)</i> ³
Tempo	Anterioridade(+)/Simultaneidade(-)/ Posterioridade(+)	Anterioridade(+)/ Não anterioridade(-)
Plano	<i>Não Inactual(-)/Inactual(+)</i>	<i>Não Inactual(-)/Inactual(+)</i>
Perspectiva	Primária(-)/Secundária(+)	Primária(-)/Secundária(+)
<i>Oposição modal básica</i>	Indicativo	Conjuntivo

Figura n.º 1 (Chergova, 2009: 207)

2.1 As relações modais básicas⁴

Qualquer proposição em português, desde que disponha de predicado, configura-se formalmente por gramemas indicativos ou conjuntivos⁵, pelo qual, tanto no plano da expressão como no plano do conteúdo, a relação entre Indicativo e Conjuntivo é um parâmetro categorial básico do sistema verbal português. Sendo parte indispensável da estruturação proposicional, a modalidade básica constitui a valorização primária do enunciado que se traduz no traço extensivo das formas indicativas [*valorização não subjectiva*] e no traço intensivo das formas conjuntivas [*valorização subjectiva*].

Assim, as estruturas objecto desta análise comportam os gramemas extensivos do Indicativo, portanto a sua semântica modal básica tem a ver com o traço [*valorização não subjectiva*].

3 Para a estrutura das relações temporais no subsistema do Conjuntivo baseamo-nos nos dados e conclusões da tese de doutoramento de Vesela Chergova (2007).

4 A distinção entre funções modais básicas e complementares é formulada nas propostas de Alexandre Veiga (1991: 57-62) e Maria Kitova-Vasileva (2000: 37, 142).

5 O Imperativo aproveita formas conjuntivas, a não ser as da 2ª p. sg. e pl. do chamado Imperativo Afirmativo, ou quaisquer outras partes do discurso para exprimir valores exortativos. As formas futuras consideramos indicativas também por pertencerem precisamente à área temporal da posterioridade não inactual e inactual (Pottier, 1993: 195; Chergova, 2007a).

5) *Será que foi* um disco voador?

5a) *Terá sido* um disco voador?

Os gramemas temporais do Futuro Simples [*será*], do P. P. S. [*aprovou*] e do Futuro Perfeito [*terá aprovado*] partilham a mesma característica modal básica, posto que integram a estruturação primária da proposição. É com base neste conteúdo modal que se distinguem os seus valores temporais.

2.2 As relações temporais

A estruturação das relações temporais dá-se na sua plenitude no Modo Indicativo (Mattoso Camara Jr., 1999: 99), precisamente por ser este o elemento não marcado na oposição modal básica. Focalizamos as categorias temporais de acordo com o modelo elaborado por Coseriu (1976: 157-171) para o sistema verbal das Línguas Românicas.

Plano	Tempo	Perspectiva Secundária [retrospectiva] (+)	Perspectiva Primária [não retrospectiva; não prospectiva] (-)	Perspectiva Secundária [prospectiva] (+)
[não inactualidade] (-)	[anterioridade] (+)	*(<i>tive cantado</i>)	Pretérito Perfeito Simples (<i>cantei</i>)	(<i>tive de cantar</i>)
	[não anterioridade] [não posterioridade] (-)	(<i>tenho cantado</i>)	Presente (<i>canto</i>)	(<i>tenho de cantar</i>)
	[posterioridade] (+)	(<i>terei cantado</i>)	Futuro Simples (<i>cantarei</i>)	(<i>terei de cantar</i>)
[inactualidade] (+)	[anterioridade] (+)	*(<i>tivera cantado</i>)	Mais-Que-Perfeito Simples (<i>cantara</i>)	(<i>tivera de cantar</i>)
	[não anterioridade] [não posterioridade] (-)	(<i>tinha cantado</i>)	Imperfeito (<i>cantava</i>)	(<i>tinha de cantar</i>)
	[posterioridade] (+)	(<i>teria cantado</i>)	Futuro do Passado (<i>cantaria</i>)	(<i>teria de cantar</i>)

Figura n.º 2 (Chergova, 2009: 202)

A discriminação das relações temporais em três subcategorias, nomeadamente Perspectiva, Plano e Tempo (Coseriu, 1976: 171; Chergova, 2009: 201-202),

parece mais apropriada ao esquema de apreensão da realidade extralinguística configurada nas categorias verbais do português, no seio das Línguas Românicas⁶.

Para a presente pesquisa, pertinência terão as três subcategorias temporais. A categoria Tempo, baseada na relação entre a acção enunciada e o momento da enunciação, é capaz de distinguir assim o conteúdo intensivo da *anterioridade* [cantei], o conteúdo intensivo da *posterioridade* [cantarei] e o conteúdo extensivo da *simultaneidade*, isto é, *não anterioridade e não posterioridade* [canto]. Esta categoria revela-se na relação directa com o momento da enunciação [*Plano da Não Inactualidade* – elemento extensivo] ou na relação indirecta com o momento da enunciação [*Plano da Inactualidade* – elemento extensivo]. Essas relações abrangem as formas sintéticas que, por seu lado, servem de ponto de orientação para as formas verbais analíticas que oscilam entre a *retrospectividade* [ou *resultatividade*, numa perspectiva de interferência com o aspectual] e a *prospectividade* [ou valor deôntico, numa perspectiva de interferência com o modal]. O elemento não marcado nesta subcategoria temporal são as formas sintéticas que servem de ponto de orientação às formas analíticas retrospectivas e prospectivas.

No caso do molde analisado [Será que + V_(P.P.S.)], por um lado, verificamos o gramema indicativo da Perspectiva Primária [*Será*] cujo valor no sistema verbal coincide com a área temporal da posterioridade⁷. Esse valor de posterioridade vê-se combinado na mesma frase com um gramema que indica anterioridade [V_(P.P.S.)]. Então, cabe colocar uma dúvida com respeito à orientação temporal de toda a frase que parece estar oscilando entre a posterioridade e a anterioridade dos gramemas que, no entanto, indicam valor modal de não subjectividade.

No molde oracional [Ter_(F.S. de Ind.) + V_(Part.Pass.)], embora se trate de diferente significado estrutural, o significado ôntico, ou seja, a orientação semântica, parece semelhante. Ao menos a nível de gramemas, verifica-se uma oscilação entre posterioridade e resultatividade, ou melhor dito, a forma do Futuro

6 Partilhamos a opinião de Veiga (2008: 129-139) a respeito da aplicação do sistema lógico de Reichenbach a sistemas temporais complexos e polifacéticos como o sistema verbal do português.

7 A problematização da pertinência do Futuro Simples enquanto tempo verbal tem razões de natureza lógico- mental, mas a configuração semântico-formal intralinguística tem as suas razões próprias. A posterioridade e a anterioridade são igualmente «indeterminados quanto ao seu valor de verdade no momento da enunciação» (Mateus, 1989: 86), mas, no entanto, dentro da estruturação linguística têm pertinência semântica e realização formal de tempos verbais.

Composto contém o verbo auxiliar com o gramema do Futuro Simples (daí a posterioridade) e o verbo auxiliado na forma do Particípio Passado que contribui para uma semântica de resultatividade⁸. De acordo com a terminologia adoptada, a forma analítica [Ter_(F.S. de Ind.) + V_(Part.Pass.)] poderá ser interpretada como pertencente à Perspectiva Primária Retrospectiva, forma intensiva, referente ao Futuro Simples que, neste caso, é a forma extensiva da Perspectiva Primária.

No entanto, no discurso, ambos os moldes pelo visto transmitem o mesmo significado ôntico. Na anterioridade aconteceu ou deixou de acontecer qualquer evento do qual o falante não tem conhecimento certo. Para preencher a lacuna informativa, o falante pode formular uma interrogativa total, não modal, aproveitando o gramema de P.P.S. que por excelência indica anterioridade:

6) *Aprovou* o exame ontem?

7) *Cansaram-se* de se agarrar em jardim de hospital?

Então, o âmagô da questão aponta para o tipo de conteúdo modal que talvez o gramema de posterioridade aporte com respeito a acontecimentos cujo decorrer na anterioridade o falante desconhece e precisa marcar essa lacuna informativa com a interrogativa total modal do tipo [Será que + V_(P.P.S.)]:

6a) *Será que aprovou* o exame ontem?

7a) *Será que se cansaram* de se agarrar em jardim de hospital?

Igualmente, interessa identificar qual poderia ser a diferença entre o molde [Será que + V_(P.P.S.)], onde se patenteia a tensão categorial entre anterioridade e posterioridade, e o molde [Ter_(F.S. de Ind.) + V_(Part.Pass.)], onde se manifesta uma tensão semântica entre posterioridade e resultatividade:

6b) *Terá aprovado* o exame ontem?

7b) *Ter-se-ão cansado* de se agarrar em jardim de hospital?

O conteúdo modal comum dos gramemas nas frases citadas [6); 7); 6a); 7a); 6b); 7b)] é invariavelmente a valorização modal básica não subjectiva. Pelos vistos, este conteúdo modal não é suficiente para explicar o significado ôntico das frases analisadas, por isso será preciso abordar a análise pelo ponto de interferência entre os valores modais extensivos e os valores das subcategorias temporais, posto que o princípio da compensação (Gerdžikov, 2003: 189-206) costuma ser o instrumento linguístico para a realização de conteúdos categoriais que carecem de instrumento morfossintáctico próprio.

8 Sobre os valores e oposições categoriais entre as formas nominais do verbo ver Pottier (1975: 60).

2.3 As relações modais complementares

As relações modais complementares constituem uma categoria facultativa, baseada em determinadas funções dos gramemas modais básicos que exprimem de uma forma sistemática a valorização secundária do grau de verdade do conteúdo da proposição, ou seja, uma valorização epistémica (Veiga, 1991: 57-62; Kitova-Vasileva, 2000: 25-38). Essas funções manifestam-se quando o falante não quer ou não pode assumir compromisso com o grau de verdade do seu enunciado. No meio dos juízos categóricos, o falante nem sempre tem conhecimento do estado de coisas que constitui o objecto do seu enunciado. Alguns dos juízos epistémicos têm a ver com uma zona de compromisso relativo com o grau de verdade do enunciado que tentamos apresentar a seguir.

Indicativo		Conjuntivo	
<i>Não Subjectividade (-)</i>		<i>Subjectividade (+)</i>	
Certeza absoluta	Verosimilitude relativa (certeza relativa) PROBABILIDADE <> POSSIBILIDADE		Falta absoluta de certeza
Formas temporais indicativas	+provável ~ ± provável ~ - provável Dever+infinitivo Ter de+infinitivo etc. (simultaneidade não inactual)	possível / impossível Futuro / Futuro do Pretérito em transposição temporal (simultaneidade não inactual)	Formas temporais conjuntivas possível/impossível Presente/ Imperfeito (simultaneidade não inactual)

Figura n.º 3 (Chergova, 2009: 206)

Os valores de *probabilidade* constituem uma oposição gradual com base nos traços ± *hipotético*, isto é, [± *não concreto*, ± *não categórico*, ± *não objectivo*], realizados pelas perífrases modais de obrigação ou pelas formas indicativas modalizadas por advérbios de conjectura (Kitova-Vasileva, 2000: 38; Campos, 1997: 134-142). Por sua vez os valores de *possibilidade* marcam uma oposição dicotómica, relacionada com os traços ± *problemático*, isto é, [± *não seguro*, ± *não factual*, ± *não comprometido*] (Kitova-Vasileva, 2000: 38; Chergova, 2009: 206).

O mecanismo interno de adaptação de certos instrumentos linguísticos para a função modal complementar consiste numa deslocação temporal. Precisamente por pertencerem ao elemento extensivo da oposição modal básica, certos gramemas indicativos têm a faculdade de passar a exprimir valores epistémicos de probabilidade ou de possibilidade por meio de uma transposição dos seus valores temporais (Chergova, 2012a). Isto é, um gramema de valor temporal intensivo começa a funcionar em vez do seu

oposto extensivo com uma nova carga semântica, nomeadamente a epistémica. A tal deslocação temporal se realiza em direcção da área da posterioridade para a área da não posterioridade. O Futuro Simples deixa de funcionar com o seu valor temporal de posterioridade e começa a funcionar como sinónimo intensivo do Presente:

8) *Será que* eu posso confiar mesmo em você?

8a) *Poderei confiar* mesmo em você?

9) É, *será que* vem alguém da Fama?

9a) É, *virá* alguém da Fama?

10) *Será que* dá tempo de ver o concurso?

10a) *Dará tempo* de ver o concurso?

Os gramemas de Futuro Simples⁹ no contexto das frases 8), 9), 10) e 8a), 9a), 10a) não têm valor temporal de posterioridade, mas sim de conjectura orientada temporalmente à volta do momento da enunciação. A conjectura supõe falta de compromisso do falante para com o grau de verdade do seu enunciado, sem no entanto negar implicitamente a possibilidade de que o conteúdo da proposição fosse plausível.

Nos casos analisados a deslocação temporal não atinge apenas a relação de posterioridade <> não posterioridade, mas também a relação de posterioridade <> anterioridade. Desta forma realiza-se a opção de transmitir uma interrogativa conjectural a propósito de acontecimentos na anterioridade não inactual. O falante tenta preencher a sua lacuna informativa com respeito a um evento anterior ao momento da enunciação com diferentes graus de compromisso e problematicidade:

Interrogativa total	Valor epistémico	Traços
<i>Aprovou o exame ontem?</i> <i>Aconteceu alguma coisa?</i>	interrogativa não epistémica [V _(PPS.)]	<i>não problemático,</i> <i>±seguro, ±factual,</i> <i>+comprometido</i>
<i>Será que aprovou o exame ontem?</i> <i>Será que aconteceu alguma coisa?</i>	interrogativa epistémica de <i>conjectura</i> (possibilidade) [Será que + V _(PPS.)]	<i>+problemático,</i> <i>±seguro, ±factual, não</i> <i>comprometido</i>

Figura n.º 4

9 Os gramemas de posterioridade nas línguas indo-europeias têm a sua origem na gramaticalização, e eventual morfologização posterior (como é o caso das Línguas Românicas, por exemplo), de perífrases modais (Kitova-Vasileva, 1996), daí talvez a sua propensão à realização de valores epistémicos em contexto temporal diferente da posterioridade.

Obviamente, o portador da marca epistémica é o gramema de Futuro Simples da estrutura enfática [*Será que*] em deslocação temporal. No entanto, a relação da interrogativa conjectural com a área semântica da anterioridade deve-se ao gramema de P.P.S. [*aprovou; aconteceu*].

O mesmo significado ôntico da interrogativa epistémica conjectural pode ser realizado por meio do molde oracional [$Ter_{(F.S. do Ind.)} + V_{(Part.Pass.)}$] onde o gramema de Futuro Simples do verbo auxiliar *ter* realiza o valor epistémico, enquanto que a semântica resultativa do Particípio Passado remete a interrogativa para a área da anterioridade ao momento da enunciação:

Interrogativa total [$Ter_{(F.S. do Ind.)} + V_{(Part.Pass.)}$]	Valor epistémico	Traços
<i>Terá aprovado</i> o exame ontem? <i>Terá acontecido</i> alguma coisa?	interrogativa epistémica <i>de conjectura</i> (possibilidade)	+ <i>problemático</i> , ± <i>seguro</i> , ± <i>factual</i> , não <i>comprometido</i>

Figura n.º 5

A estrutura enfática [*Será que*] mantém a sua capacidade de transmitir valor epistémico conjectural inclusive quando o acontecimento sujeito à interrogação epistémica está situado em diferentes áreas temporais do plano do discurso (o *Plano da Não Inactualidade*):

Interrogativa total	Valor epistémico	Área temporal do acontecimento sujeito à conjectura
<i>Será que aconteceu</i> alguma coisa?	interrogativa epistémica <i>de conjectura</i> (possibilidade) [$Será que + V_{(P.P.S.)}$]	Anterioridade Não Inactual
<i>Será que dá tempo de ver</i> o concurso?	interrogativa epistémica <i>de conjectura</i> (possibilidade) [$Será que + V_{(Pres. do Ind.)}$]	Simultaneidade Não Inactual (não anterioridade; não posterioridade)
<i>Será que ela vai conseguir</i> ?	interrogativa epistémica <i>de conjectura</i> (possibilidade) [$Será que + V_{(Ir no Pres. do Ind. + Infinitivo)}$]	Posterioridade Não Inactual

Figura n.º 6

Isto, por um lado, significa que a sua própria orientação temporal coincide com a simultaneidade, posto que o acto da conjectura sempre acontece no momento da enunciação. Por outro lado, parece-nos um indício da cristalização desta estrutura enfática numa espécie de modalizador epistémico oracional. O

curioso neste caso é que todos os exemplos recolhidos de conjectura referente à área da posterioridade usam a perífrase *Ir* _(Presente do Ind.) + *Infinitivo*, sendo inadequado o uso do Futuro Simples:

- 11) Será que a Nanda *vai casar*?
- 11a) *Será que a Nanda *casará*?
- 12) Será que alguém *vai ler*?
- 12a) *Será que alguém *lerá*?
- 13) Será que eu *vou aguentar* de saudades?
- 13a) *Será que eu *aguentarei* de saudades?

Num dos exemplos até se introduz o valor de condicionalidade do Futuro do Pretérito, cuja área temporal igualmente resulta de processo transpositivo e se mantém na simultaneidade não inactual:

- 14) *Será que* o Renato *estaria realmente disposto* a me entregar essa fita em troca de ... sei lá o quê que ele espera conseguir de mim?

Neste caso o valor epistémico conjectural encerra também uma falta de compromisso com a possibilidade de realização do acontecimento conjecturado que raia com a sua negação implícita - característica inerente aos valores transpositivos do Futuro do Pretérito inclusive em discurso não interrogativo (Chergova, 2012a).

O valor epistémico de conjectura pode-se observar também nas interrogativas parciais de ambos os moldes oracionais [Int. + *será que* + V _(P.P.S.)] e [Int. + Ter _(F.S. do Ind.) + V _(Part.Pass.)]:

Interrogativa parcial [Int. + <i>será que</i> + V _(P.P.S.)]	Valor epistémico	Traços
O que <i>será que</i> aconteceu? Onde <i>será que</i> ele se meteu?	interrogativa epistémica de conjectura (possibilidade)	+problemático, ±seguro, ±factual, não comprometido
Interrogativa parcial [Int. + Ter _(F.S. do Ind.) + V _(Part.Pass.)]	Valor epistémico	Traços
O que <i>terá acontecido</i> ? Onde <i>se terá metido</i> ?	interrogativa epistémica de conjectura (possibilidade)	+problemático, ±seguro, ±factual, não comprometido

Figura n.º 7

Assim, a análise dos valores modo-temporais das interrogativas epistémicas conjecturais de ambos os moldes de significado estrutural [*Será que* + V _(P.P.S.)] e [Ter _(F.S. do Ind.) + V _(Part.Pass.)], tanto totais, como parciais, partilham os mesmos

valores de modalidade complementar, resultado de processos idênticos de deslocação temporal. Falta identificar se entre ambos os moldes existe alguma diferença a nível sintáctico-pragmático.

2.4 As relações sintáctico-pragmáticas

Partindo de algumas observações sobre as particularidades sintácticas dos moldes oracionais [Será que + V_(P.P.S.)] e [Ter_(F.S. do Ind.)+ V_(Part.Pass.)], a análise vai deter-se sobre a sua carga comunicativa e a sua expressividade. Pretende-se esclarecer a funcionalidade das unidades linguísticas no diálogo, esboçar a intencionalidade e o impacto sobre o ouvinte e destacar o respectivo valor pragmático (relevante para certa estratégia de polidez).

Sintacticamente, as frases [Será que + V_(P.P.S.)] e [Ter_(F.S. do Ind.)+ V_(Part.Pass.)] reproduzem o mesmo modelo abstrato de Modus e Dictum (Bally, 1965), só que de forma diferente: no primeiro caso o Modus vem explícito (*patente*), recompensado pelo marcador invariável [Será que], e no segundo, o Modus está implícito (*não patente*):

15) *Será que* foi pênalti?

16) Viriato *terá sido* um aristocrata?

Modus Eu conjecturo	+	Dictum Proposição
Será que	+	foi pênalti?
(Δ)	+	Viriato <i>terá sido</i> um aristocrata?

Figura n.º 8

A economia linguística leva antes de tudo à condensação da carga comunicativa, que neste caso não deixa a frase mutilada: a forma mais curta obtém forte efectividade sem perder a sua eficiência. Não é de esquecer que os participantes no diálogo dispõem, por um lado, de sólidos mecanismos de inferência e, por outro, de protótipos comunicativos mais variados, que permitem superar o vácuo entre o que se diz e o que se pretende dizer. A compressão sintáctica não impede a descodificação de certo membro da cadeia discursiva. Pelo contrário, a frase resulta descarregada da informação supérflua e dispensável, tornando-se assim um expediente operativo para executar dada tarefa comunicativa. A unidade implícita pode ser restituída com base no contexto, sobretudo com base no saber anterior/comum e nos estereótipos dos comunicadores.

No que se refere ao tipo oracional, o molde [Será que + V_(P.P.S.)] apresenta unicamente o formato de interrogativa total de aparente subordinação, que serve para exprimir incerteza ou desconhecimento sem escopo concreto [17), 18)], e a construção [Ter_(F.S. do Ind.) + V_(Part.Pass.)] é registada tanto em interrogativas totais [19)], como em declarativas afirmativas [20)]. Compare-se:

- 17) O que *será que aconteceu?*
- 18) *Será que aprovou* o exame ontem?
- 19) *Terá Vénus sido* um planeta habitável?
- 20) Jovem espanhola *terá sido* morta por uma colega.

Quanto às comutações temporais possíveis, observa-se que [Será que + V_(P.P.S.)] se afigura invariante [21), 22)], ao passo que [Ter_(F.S. do Ind.) + V_(Part.Pass.)] é flexível, pois permite a substituição do Futuro Simples pelo Futuro do Pretérito do Indicativo [23), 24)]:

- 21) Essa Basílica... *Será que* foi erguida na Europa Medieval?
- 22) *Essa Basílica... *Seria que* foi erguida na Europa Medieval?
- 23) Ebola *teria feito* mais de 48 vítimas no Congo.
- 24) Ebola *terá feito* mais de 48 vítimas no Congo.

A inadequação do exemplo 22) mostra que, à diferença de [Ter_(F.S. do Ind.) + V_(Part.Pass.)], [Será que + V_(P.P.S.)] não representa um núcleo predicativo pleno, mas uma locução especializada que pode ser classificada como expletivo supositivo ou marcador ilocutório. O que une os moldes [Será que + V_(P.P.S.)] e [Ter_(F.S. do Ind.) + V_(Part.Pass.)] é a especificidade funcional das formas verbais usadas. Em todos os exemplos referidos a futuridade tem um valor prelúdico, puramente fictício, desenvolvido ou compacto. O emprego de formas inactuais no molde [Ter_(F.S. do Ind.) + V_(Part.Pass.)] manifesta um comportamento mesmo indeciso em face da proposição participada, enunciado não patente. Tais casos exemplificam a estratégia aberta e indirecta com cortesia negativa, classificada como *afastamento do ponto de vista* [point-of-view distancing] (Brown e Levinson, 1987: 204-206). Contrastem-se, p. ex.:

- 25) Haiti: poderoso terremoto junto à capital *terá feito* elevado número de mortos.
- 26) Ronaldo *teria feito* uso de anabolizantes e *tido* affair com beldade do tênis.

Do ponto de vista semântico e pragmático, as construções [Será que + V_(P.P.S.)] e [Ter_(F.S. do Ind.) + V_(Part.Pass.)] têm denominador comum. São variantes formais

do enunciado afirmativo marcado pela incerteza, cujo valor assertivo está vinculado à matização de certa atitude subjectiva em relação à proposição. Ambas as construções servem para se colocar uma hipótese, ou seja uma asserção admitida de modo provisório. Representam, pois, realizações do acto de fala de *conjecturar*, que compromete o locutor em menor grau com a justificativa da verdade da proposição enunciada (Vanderveken, 1990: 172; Wierzbicka, 1987). A análise a seguir revela as possíveis intenções comunicativas que implicam o emprego das construções registadas, também como o impacto destas sobre o ouvinte, a ser eventualmente projectado na sua respectiva reacção verbal.

De todas as formas, o acto de *conjecturar* implica matizes que o distinguem claramente do *assertar*, *afirmar*, *informar*, etc. A conjectura envolve a noção de compromisso provisional isento do encargo de defender a proposição, se preciso. Isso deve-se à natureza da sua relação com a evidência na argumentação discursiva. O falante pode sentir-se aliciado a mobilizar as suas suposições ou sugerências na interacção comunicativa sem a necessidade de baseá-las numa prova convincente ou até suficiente. Do ponto de vista lógico, a falha nos fundamentos encerra o enunciado numa penumbra de dúvida e o caracteriza de puramente especulativo. No diálogo a conjectura é geralmente aceite, mas não tem o valor de argumento plausível, porquanto dissimula uma argumentação a desafiar o senso comum. A asserção está sempre carregada da prova objectiva da realidade extralinguística, porque a sua essência implica um compromisso forte com a verdade expressa, enquanto a suposição não se submete ao teste do verdadeiro ou falso e exige só o consentimento do receptor. O mecanismo de conjecturar, por outro lado, não atrai a responsabilidade total do proponente: até parece livrá-lo da carga de comprovar a verdade da proposição para lhe atribuir só a carga de desaprovar uma evidência contrária (se tal surgir na sequência do diálogo). A carga da prova, em princípio atribuída ao emissor, é transferida discretamente para o destinatário. Este, por sua vez, se vê provocado a rejeitá-la, senão deve aprová-la e assumi-la como responsabilidade própria. Visto que o compromisso com a verdade da proposição depende de certa forma dos objectivos do diálogo, o acto de conjecturar parece ter um valor especial no diálogo, pois é capaz de dispor a transição ou a simples troca de papéis entre os interlocutores (Walton, 1993: 136). Este motivo patenteia-se frequentemente quando o falante faz uso da suposição (elaborada segundo o modelo [Será que + V_(P.P.S.)] ou [Ter_(F.S. do Ind.)+ V_(Part.Pass.)]) para pôr em movimento o diálogo ou qualquer acção verbal complexa, mesmo que falte uma prova sólida que possa confirmar definitivamente a tese da proposição.

3 Conclusões

A necessidade de expressar valores epistémicos em português acabou por constituir um marcador específico desse conteúdo modal complementar que funciona a nível da oração e é produtivo enquanto modificador frásico de interrogativas totais e parciais: [Será que + $V_{(P.P.S.)}$] e [Int. + será que + $V_{(P.P.S.)}$]. Essas estruturas podem realizar os valores epistémicos no que se refere a acontecimentos não comprovados na área da anterioridade. De acordo com os parâmetros categoriais do verbo no Dictum [$V_{(Presente\ do\ Ind.)}$; $V_{(Ir\ no\ Pres.\ do\ Ind.\ +\ Infinitivo)}$], este molde oracional terá a capacidade de realizar os valores epistémicos de possibilidade (conjectura) nas áreas temporais da simultaneidade e da posterioridade também, precisamente porque o marcador epistémico se encontra exteriorizado ao Dictum e situado no Modus explícito da oração interrogativa. Assim se origina uma matriz oracional epistémica que no discurso funciona exclusivamente como interrogativa, pelo qual o seu efeito comunicativo em *interrogativa epistémica patente*. Esse molde oracional passou por um processo mais acentuado de convencionalização discursiva.

O mesmo significado ôntico é realizado pelo outro molde oracional que apresentámos com a fórmula [Ter $_{(F.S.\ do\ Ind.)}$ + $V_{(Part.Pass.)}$] para as interrogativas totais e [Int. + Ter $_{(F.S.\ de\ Ind.)}$ + $V_{(Part.Pass.)}$] para as interrogativas parciais. Este molde oracional apenas funciona na área da anterioridade, posto que se vê limitado pela sua forma de estrutura verbal da Perspectiva Secundária Retrospectiva fechada dentro do Dictum. Por sua vez, o carácter interrogativo desse molde depende do elemento prosódico e do contexto, pois tem também o potencial de funcionar, com semântica epistémica ou não epistémica, em orações declarativas. Assim se cria uma variante funcional da matriz oracional epistémica cuja semântica interrogativa depende mais estreitamente do contexto. Estabelece-se, pois, como *interrogativa epistémica não patente*. Por conseguinte, esse molde oracional tem menor grau de convencionalização discursiva.

Interrogativa total epistémica de conjectura	Área temporal do Plano da Não Inactualidade	Particularidade Sintáctica	Efeito pragmático
[Será que + $V_{(P.P.S.)}$]	(+) anterioridade	Modus + Dictum	Interrogativa epistémica patente – efeito imediato
[Ter $_{(F.S.\ do\ Ind.)}$ + $V_{(Part.Pass.)}$]	(+) anterioridade	(Δ) + Dictum	Interrogativa epistémica não-patente – efeito não imediato

Figura n.º 9

A escolha entre as interrogativas totais epistémicas do molde [Será que + $V_{(P.P.S.)}$] ou [$Ter_{(F.S. \text{ do Ind.})} + V_{(Part.Pass.)}$] e a interrogativa total não epistémica [$V_{(P.P.S.)}$] – relacionadas com uma conjectura da área da anterioridade – é capaz de depender da estimativa do falante a propósito do grau de informação ou saber anterior do ouvinte. Uma hipótese que poderá motivar futuras pesquisas dos valores epistémicos na perspectiva do discurso dialogado.

Bibliografia

- Bally, Ch. (1965): *Linguistique générale et linguistique française*. Berne: Franke.
- Barroso, H. (1994): *O Aspecto Verbal Perifrástico em Português Contemporâneo (visão funcional/sincrónica)*. Porto: Porto Editora.
- Brown, P., Levinson, St. (1987): *Politeness. Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Campos, M. H. C. (1997): *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Chergova, V. (2009): «Particularidades do Sistema Verbal Português no Indicativo». Em: *Étude Romanes de Brno, 30/2009/1*. Brno: Masarykova Univerzita, 197-209.
- Chergova, V. (2012): *Konjunktívniyat imperfékt v savrémennija portugal'ski ezík (O Imperfeito do Conjuntivo em Português Contemporâneo)*. Sófia: Universitét'sko izdatelstvo «Sv. Kliment Ohridski».
- Chergova, V. (2012a): «Os Futuros do Indicativo: Valores Modais Complementares». Em: *Actas do Colóquio Internacional Dedicado ao Décimo Quinto Aniversário da Filologia Portuguesa na Universidade de Sófia «Sv. Kliment Ohridski»*. Sófia: Universitét'sko izdatelstvo «Sv. Kliment Óhridski», 225-232.
- Coseriu, E. (1976): *Das romanische Verbalsystem*. Tübingen: TBL Verlag Gunter Narr.
- Coseriu, E. (1987): *O Homem e a Sua Linguagem: Estudos de Teoria e Metodologia Lingüística*. Rio de Janeiro: Ed. Presença.
- Gerdžikov, G. (2003): *Preizkázvaneto na glagólnoto déjstvie v bálgarskija ezík*. Sófia: Universitét'sko izdatelstvo «Sv. Kliment Ohridski».
- Greenberg, J. H. (1971): *Language, Culture and Communication. Essays by Joseph H. Greenberg*. California: Stanford University Press.

- Kitova-Vasileva, M. (1996): *La categoría de «posterioridad» y su formalización en búlgaro y en español*. Valencia: Universitat de València-Servei de Publicacions, Centro de Estudios sobre Comunicación Interlingüística e Intercultural.
- Kitova-Vasileva, M. (2000): *La «verosimilitud relativa» y su expresión en español*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela.
- Mateus, M. H. M. et al. (1989): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Mattoso Camara Jr., J. (1999): *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Pottier, B. (1975): *Introducción al estudio de la morfosintaxis española*. La Habana: Instituto Cubano del Libro.
- Pottier, B. (1993): *Semántica general*. Madrid: Gredos.
- Vanderveken, D. (1990): *Meaning and speech acts, I. Principles of language use*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Veiga, A. (1991): *Condicionales, concesivas y modo verbal en español*. Santiago de Compostela: Verba.
- Veiga, A. (2008): «Co-pretérito» e «Irreal» / «Imperfeito» e «Inactual»: el doble valor de la forma «cantaba» en el sistema verbal español y algunos problemas conexos. Lugo: Axac.
- Walton, D. N. (1993): *Pragmatics & Cognition, I*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co.
- Wierzbicka, A. (1987): *Speech Act Verbs*. Marrickville: Academic Press Australia.

Fontes empíricas citadas

- Telenovelas brasileiras: *Celebridade*, cap. 38, 54, 66, 163, 173; *Páginas da Vida*, cap. 002
- Telenovelas portuguesas: *Feitiço de Amor*, cap. 008.
- <http://letras.terra.com.br/bruna-karla/250128/> (20-10-2011).
- <http://seraquealguemvailer.wordpress.com/tag/gripe-suina/> (10-08-2010).
- http://www.youtube.com/watch?v=8k_OZ1SUbow (20-08-2010).
- <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=9319&op=all> (15-12-2010).
- <http://www.flickr.com/photos/ninavictor/4569911470/> (29-04-2011).

http://www.esa.int/esaCP/SEMJ7POZVAG_Portugal_1.html (15-12-2010).

http://dn.sapo.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1536568&seccao=Europa
(15-12-2010).

<http://www.flickr.com/photos/selusava/458025073/> (20-01-2011).

<http://pt.euronews.net/2010/01/13/> (20-01-2011 – Terremoto no Haiti).

<http://www.lr1.com.br/index.php?pagina=noticia&categoria=etc¬icia=10194>
(20-01-2011).

Vesela Chergova, Donka Mangatcheva

Sofia University "St. Kliment Ohridski"

Epistemic interrogatives in events anchored in the temporal anteriority

Keywords: modal interrogatives, epistemic modality, conjecture, discourse value

The present study attempts to analyse the epistemic modal functionality of temporal posteriority grammemes, referred to the “non-inactual plan”, i. e. the discourse plan measured directly from the moment of enunciation. In our opinion, the invariant category values of a verbal grameme predetermine the development of their complementary and contextual functions. Therefore, the analysis focuses also on the oppositional relations and neutralizations between the categories of verb tense, plan and perspective, on the temporal semantics and the aspectual values which maintain the oppositions between the nominal forms of the verb in accordance with the interpretation of verb categories proposed by Coseriu (1976). In this particular case, the complementary values which outline the scope of our interest fall into the parameters of the possibility and the probability (Veiga, 1991; Kitova-Vasileva, 2000), i.e. conjecture and conclusion in the field of epistemic semantics, yet with an orientation to the temporal anteriority epoch i.e. there is a conjecture regarding actions marked as prior to the moment of enunciation. The syntactic realisation of the epistemic values of conjecture is outlined in the sentence patterns of epistemic interrogatives of the type [Será que + V_(P.P.S.)] and [Ter_(E.S. do Ind.) + V_(Part.Pass.)]. The study in this way goes beyond the semantic interpretation of the modal, temporal and aspectual values of the morphological instruments of conjecture, and follows the syntactic structure (the *modus–dictum* relations) also in its discourse and pragmatic value.

Vesela Chergova in Donka Mangatcheva

Univerza »Sv. Kliment Ohridski« v Sofiji

Epistemološke vprašalnice o dogodkih, zasidranih v časovni preddobnosti

Ključne besede: naklonske vprašalnice, epistemološka naklonskost, domneva, diskurzna vrednost

Namen pričujoče študije je analizirati naklonsko funkcijskost gramemov, ki označujejo časovno zadobnost in se nanašajo na »neinaktualno« raven oziroma na diskurzivno raven, merjeno neposredno od trenutka izreke. Po mnenju avtoric invariantne vrednosti glagolskega gramema vnaprej določajo razvoj komplementarnih in kontekstualnih funkcij. Zato se analiza osredotoča tudi na opozicije in nevtralizacije med glagolskimi kategorijami časa, ravni in perspektive v okviru časovne semantike ter na aspektualne vrednosti, ki skladno s Coseriu-jevo (1976) interpretacijo glagolskih kategorij ohranjajo opozicijo med nominalnimi oblikami glagola. V tem konkretnem primeru gre za parameter možnosti in verjetnosti (Veiga, 1991; Kitova-Vasileva, 2000) oziroma za področje epistemološke semantike domneve in sklepanja, ki pa sta časovno usmerjena v preddobnost; gre za domneve v zvezi z dejanji, ki so se dogodila pred trenutkom govora. Skladenjska realizacija epistemoloških vrednosti domneve izstopa v stavčnih vzorcih epistemoloških vprašalnic vrste [Será que + V_(P.P.S.)] in [Ter_(F.S. do Ind.) + V_(Part.Pass.)]. Raziskava se ne usmerja le v semantično tolmačenje naklonskih, časovnih in aspektualnih vrednosti morfoloških sredstev za domnevo, temveč tudi na vpliv sintaktične strukture (odnosi *modus* in *dictum*) na njihovo diskurzivno pragmatično vrednost.